

Editorial

Ivone Belem Donato 

Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
ivone.donato@pep.ufrj.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.25n2.2025.editorial>

Neste número de encerramento de 2025, o *CVT Tempespaço* apresenta uma série de artigos que dialoga profundamente com questões urgentes do nosso tempo: a crise climática, a valorização das culturas tradicionais e a necessidade de repensar o turismo como vetor de desenvolvimento social e preservação ambiental. É com especial significado que abrimos esta edição destacando a cantora paraense Dona Onete, que com sua voz potente fez ecoar pelo mundo um chamado para a salvaguarda do nosso planeta a partir do evento musical Amazônia Live Hoje e Sempre, incluído na 30ª Conferência das Partes para o Clima (COP 30), promovida pela ONU em Belém (PA).

Capa deste número com fotografia de Teresa Maciel, Dona Onete não é apenas a rainha do carimbó que conquistou o Brasil e o mundo com sua musicalidade única – carreira iniciada depois dos 70 anos de idade. Ela é, antes de tudo, uma guardiã de saberes ancestrais, ex-professora que dedicou décadas a ensinar história e estudos amazônicos. Nascida no pequeno município de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, santuário ecológico de grande importância para o mundo, Dona Onete testemunhou as transformações profundas da região ao longo dos seus 86 anos. Ela carrega em sua trajetória a experiência de quem viveu a Amazônia em sua plenitude e hoje observa, com a sabedoria de quem ensinou gerações sobre os rios; os povos indígenas e as práticas tradicionais da região, as dramáticas mudanças climáticas que afetam sua terra natal e por onde anda.

Em sua fala musical na COP 30, Dona Onete trouxe não apenas o ritmo contagiante do carimbó que ela própria ajudou a ressignificar, mas também um alerta ancestral sobre a devastação das florestas que conheceu em sua infância, quando a relação com a terra ainda era de harmonia e respeito. Seus relatos sobre a Cachoeira do Arari de antigamente, onde se criava gado para o leite e o queijo, onde se tomava leite quente direto da vaca (o "tipuca"), onde a mata era abundante e a castanha-do-pará era farta, contrastam dolorosamente com a realidade atual que ela denuncia: o agronegócio devastador, as queimadas que transformam florestas em pastos, o desaparecimento dos recursos naturais que sustentavam comunidades inteiras.

A presença de Dona Onete na COP 30 simboliza a urgência de conectarmos cultura, território e sustentabilidade – precisamente o que esta edição busca evidenciar com textos de diversos pesquisadores. É neste contexto que apresentamos o artigo **Turismo e promoção cultural: Bares de temática afro-religiosa na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RJ)**, que analisa como espaços urbanos de consumo cultural podem funcionar como territórios simbólicos de expressão religiosa, identidade e resistência. Assim como Dona Onete carrega em sua trajetória as quatro contas – Mariana, Jarina, Erondina e Jurema – que representam sua conexão com as religiões de matriz africana, os bares de malandro estudados revelam-se como espaços de vivência coletiva que promovem o afroconsumo e o afroturismo, valorizando o patrimônio imaterial afro-brasileiro. A artista, que participou do enredo da Grande Rio em 2025 apresentando estas entidades religiosas, demonstra como a cultura popular pode ser vetor tanto de resistência quanto de dinamização econômica através do turismo.

A questão ambiental, tão presente no discurso de Dona Onete sobre as mudanças climáticas que ela testemunha no Pará e no santuário ecológico marajoara onde nasceu, encontra eco no artigo **Indicadores da qualidade da experiência do visitante: contribuições para o monitoramento do uso público em Unidades de Conservação**. O trabalho desenvolvido no Parque Estadual de Itapuã, no Rio Grande do Sul, propõe ferramentas metodológicas para avaliar e monitorar a visitação em áreas protegidas, buscando equilibrar o acesso público com a preservação ambiental – desafio fundamental em tempos de crise climática global.

O turismo rural emerge como alternativa sustentável em três artigos desta edição. Em **Sistemas produtivos localizados e os arranjos produtivos locais como potencial para o turismo rural: o caso de Joinville (SC)**, os autores analisam como a produção associada ao turismo pode fortalecer territórios e incluir pequenas empresas e iniciativas locais.

O artigo **Integração entre agroecologia, turismo rural e educação ambiental: uma proposta para o Sítio-Escola Mukondo (Áurea/RS)** apresenta uma iniciativa exemplar de como a produção agroecológica pode constituir-se em atrativo para visitação técnica, promovendo a aproximação entre população urbana e meio rural. A proposta de educação ambiental através do turismo encontra paralelo na trajetória educadora de Dona Onete, que durante décadas ensinou sobre a Amazônia, seus rios, animais e modos de vida tradicionais, formando consciências sobre a importância da preservação – conhecimento que ela levou para o palco mundial da COP 30.

Complementando esta discussão sobre turismo rural, o trabalho **Aplicação do enfoque teórico-metodológico da Cesta de Bens e Serviços Territoriais na iniciativa de agroturismo**

"Acolhida na Colônia" demonstra como o fortalecimento do saber-fazer e a conexão do alimento com a experiência turística podem diferenciar iniciativas locais da concorrência generalista.

Os artigos reunidos nesta edição – cada um a seu modo abordando relações entre turismo, território, cultura e sustentabilidade – encontram na figura de Dona Onete uma síntese poética e política: é possível valorizar economicamente a cultura e o território sem destruí-los, desde que as comunidades tradicionais sejam protagonistas deste processo. Como ela mesma diz em sua sabedoria de vida: "O vento que dá na proa é o mesmo que dá na popa. Deixa correr o barco." Que esta edição contribua para que os ventos do turismo de base comunitária soprem na direção de um desenvolvimento verdadeiramente sustentável e respeitoso com os povos e territórios que nos constituem.